

**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
Câmpus de Araraquara  
Faculdade de Ciências e Letras

PLAUTO

**OS MENECHMOS**

(MENAECHEMI)

Comédia em 5 atos

Tradução e Adaptação de  
**José Dejalma Dezotti**

(a partir do texto latino estabelecido por  
Alfred Ernout, "Les Belles Lettres", 1956)

2002

Faculdade de Ciências e Letras - UNESP – Araraquara

gráfica  
**unesp**   
araraquara



**Comissão de Publicação:**

Carlos Alberto da Fonseca  
Flávia Regina Marquetti  
João Batista Toledo Prado

**Contato:**

Departamento de Linguística -- FCL/UNESP  
Caixa Postal 174  
14800-901 ARARAQUARA SP

**Ficha Catalográfica**

P 721m Plauto

Os Menecmos; tradução, adaptação e  
introdução de José Dejalma Dezotti. Araraquara;  
FCL/UNESP, 2002. (Coleção Giz-en-scène, 2)

1. Comédia latina. 2. Teatro latino. I. Título. II. Dezotti,  
José Dejalma, trad. III. Série.

CDD - 872.3

José Dejalma Dezotti é professor de Língua e Literatura Latina do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Araraquara.

**Ilustrações:**

Máscaras e cenas cômicas das comédias latinas segundo pinturas de Pompéia. Publicadas pelo MAGASIN PITTORESQUE (Paris, agosto, 1835, tomo III, nº 34, pp. 265-272).

**Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica**

Maurício Salera  
SAEPE - Seção de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

**Apresentação**

O Grupo Giz-en-scène de leituras dramatizadas tem por objetivo fundamental propiciar uma aproximação prazerosa dos interessados em teatro da Antigüidade com os textos de variado gênero que compõem o rico repertório dessa tradição. Isto se faz com duas finalidades paralelas: ensinar um conhecimento mais assíduo dessa manifestação artística, tanto no sentido estético quanto no da prática teatral propriamente dita, e fornecer subsídios para uma informação mais atenta sobre a cultura dos povos em questão. Após as primeiras apresentações do Grupo, entretanto, ficou claro para seus integrantes que parte de seu esforço deveria ser dedicada à preparação para palco de textos já originalmente compostos para existirem no palco.

Esse trabalho, que passou a ser elaborado para todos os textos apresentados, tem diretrizes muito claras e método assentado. Levando em consideração que as platéias grega, romana ou indiana antigas eram formadas por pessoas que viviam cotidianamente imersas na cultura que lhes era re(a)presentada nas peças a que assistiam, tornou-se necessário proceder a alguma adaptação no original no sentido de deixar o mais claro possível o suporte intertextual e referencial da obra. Para tanto, os mecanismos mais utilizados são a **inclusão** de alguma informação (quando substancial para o entendimento de alguma cena ou de algum motivo dramático), a **eliminação** de alguma referência (quando de caráter essencialmente localizado e destinada à fruição da platéia original) e a **modificação** de algum comentário (quando ele é importante dramaticamente, mas carece de um conhecimento mais generalizado). Proceder-se, também, a um "enxugamento" da peça, em falas, passagens ou cenas bem determinadas, tanto para tornar o texto mais ágil quanto para reduzi-lo em sua duração - presidindo a esta operação, sempre, a tradição e o gosto de nossas platéias e a preservação daquilo que em cada texto é fundamental e essencial.

Além disso, outro processo de adaptação largamente utilizado consiste num trabalho de **adequação do nível de linguagem** em que a peça deve ser apresentada. Esta necessidade, em particular, derivou da constatação de que as traduções existentes dos textos escolhidos para apresentação têm caráter eminentemente acadêmico, não foram feitas com o pensamento voltado para sua realização teatral - fato que não desmerece seu caráter nem

diminui suas qualidades. Elas, todavia, assim como estão, dificultam sua apreciação por parte de nossas platéias.

Ainda com relação à linguagem, outro modo de intervenção no texto original diz respeito ao aproveitamento, enquanto elemento de dramaturgia, da **variante lingüística** nele falada por determinadas personagens. Desse modo, atendendo-se a características estéticas originais peculiares, presentes tanto nas comédias romanas e gregas quanto nas peças do teatro indiano, recorre-se - diferentemente das traduções "literarizantes" - a variados registros populares da língua portuguesa, sempre com o intuito de preservar de algum modo a diferença social significada pela variação lingüística presente no texto original.

"Cacos" são de difícil controle, mas eles acontecem no momento mesmo das apresentações, e são feitos em função do local da apresentação ou do momento em que ela se realiza. Fazem parte, assim, de outro tipo de estratégia de aproximação, não-textual, aquela que diz respeito à prática cênica e que caminha em conjunto com questões relativas a figurino, iluminação, música, gestualidade, cenário, adereços, etc. - que sempre são pensadas nos limites do texto apresentado.

Quanto à poesia lírica, são os textos traduzidos segundo metodologia corrente - sempre, porém, com a atenção voltada para sua realização oral. São, depois, organizados como um recital - forma que de certo modo resgata a circulação e a vivência desses textos em saraus literários. Detalhes sobre essas adaptações - bem como sobre os textos não teatrais na origem mas apresentados pelo Grupo nesta forma - são esclarecidos na "Introdução" dos volumes respectivos.

Desse modo, os textos publicados nesta **Coleção Giz-en-scène** correspondem à versão teatral lida nas apresentações do Grupo, trabalhada por seus integrantes no sentido de possibilitar um contato mais vivo com as culturas envolvidas e uma apreciação mais satisfatória do espetáculo apresentado. Cabe enfatizar que o texto lido nessas ocasiões não tem a pretensão de substituir as traduções existentes: o esforço de adaptação principia sempre no texto original e termina num texto possível de ter vida cênica no nosso contexto. O ideal desta operação: manter significativas vozes e palavras vindas do fundo dos tempos.

## Introdução:

### A comédia dos erros latina

Destinada exclusivamente a divertir e a fazer rir, a comédia *Os Menecmos*, de Plauto, escrita lá pelos fins do século III a.C., é simples, engenhosa e principalmente engraçada. Simples, porque se funda numa trama quase linear; engenhosa, porque tira dessa simplicidade uma extraordinária multiplicidade de efeitos; e, finalmente, engraçada, porque desenvolve, de maneira admirável, um tema tão propício ao riso fácil que tem sido explorado por autores cômicos de todas as épocas, seja no cinema, na televisão ou no próprio teatro: as complicações provocadas pela presença de duas personagens absolutamente idênticas num mesmo lugar.

A cena se passa em Epidamno, cidade da Ilíria (hoje Albânia), aonde chega um dos Menecmos à procura de seu irmão gêmeo, o outro Menecmo, que mora na cidade. Enquanto um, o que acaba de chegar, é sucessivamente confundido pela amante do outro, que o acaricia, pelo parasito do outro, que o denuncia, pela esposa do outro, que o insulta, pelo sogro do outro, que o tacha de louco, o outro é sucessivamente punido por coisas que não fez. E assim, de engano em engano, a peça caminha para o seu final feliz, quando finalmente os dois irmãos se encontram e se reconhecem.

Um aspecto que chama atenção e que distingue *Os Menecmos* das demais comédias de Plauto é a ausência do logro. Em todas as outras, o logro se configura como elemento cômico fundamental para o desenlace. Há sempre o escravo matreiro que, com trapaças e artimanhas, acaba por lograr alguém, seja para furtar uma panela de ouro de um avaro, seja para tirar a garota das garras de um soldado fanfarrão ou de um proxeneta inescrupuloso, seja para arrancar de um pai severo o dinheiro necessário para resolver o problema amoroso de seu jovem amo. Em *Os Menecmos*, há o engano - todos são enganados, mas não há ninguém com o deliberado propósito de enganar. É tudo obra do Acaso.

A seqüência dos episódios, ou melhor dizendo, a relação entre uma e outra cena é rigorosamente pautada pelo princípio da verossimilhança e

da necessidade. Contudo, pode acontecer que algum leitor/espectador, desses que adoram exhibir perspicácia, faça uma objeção e aponte como inverossímil o fato de um homem, que está à procura de seu irmão gêmeo e que sabe que esse irmão tem o mesmo nome que o seu, não desconfiar de nada ao ser a toda hora confundido com o morador da casa diante da qual ele está. Ora, leitor perspicaz, é como diz Machado de Assis: “se a missão do escritor fosse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era coisa inútil”. Por isso, para se curtir devidamente essa obra-prima do *imbroglio*, é preciso até mesmo torcer para que o encontro dos gêmeos se retarde ao máximo e, desse modo, poder deleitar-se até o final com a deliciosa seqüência de enganos que os encontros desencontrados vão provocando.



Mosaico em vidro descoberto em Pompéia (abril/1762), na chamada vila de Cícero. Famosa pela elegância dos drapeados e a delicadeza dos traços das quatro figuras.

## OS MENECSMOS

## PERSONAGENS

[entre parênteses os nomes originais]

VASSOURINHA - Parasito de Menecmo I (*Peniculus - parasitus*)MENECSMO I - morador de Epidamno (*Menaechmus - adulescens*)MENECSMO II - seu irmão gêmeo (*Menaechmus - adulescens*)ERÓCIA - prostituta (*Erotium - meretrix*)CILINDRO - cozinheiro de Erócia (*Cylindrus - cocus*)MESSÊNIO - escravo de Menecmo II (*Messenio - seruus*)CRIADA de Erócia (*ancilla*)ESPOSA de Menecmo I (*matrona*)VELHO - sogro de Menecmo I (*senex*)MÉDICO (*medicus*)ESCRAVOS do velho (*lorarii*)

## PRÓLOGO

Senhoras e senhores, em primeiro lugar, saúde e felicidade pra todos e pra mim também, é claro. Trago-lhes Plauto, não pela mão, mas na ponta da língua. Peço que o acolham com ouvidos favoráveis.

Agora ouçam o argumento da peça e prestem bastante atenção. Vou resumi-lo o mais possível:

Houve, em Siracusa, um velho comerciante que teve dois filhos gêmeos. Os dois eram tão parecidos um com o outro que não eram capazes de distingui-los nem a ama, que lhes dava a teta, nem a própria mãe, que os pusera no mundo. Pelo menos foi o que me disse um que viu as crianças. Eu não cheguei a vê-las, não vão pensar que sim.

Estavam eles já com sete anos de idade, quando o pai carregou de mercadorias um grande navio e levou um deles para o mercado de Tarento. O outro ficou em casa com a mãe.

Acontece, porém, que eles chegaram em Tarento bem na época dos jogos e por isso a cidade estava coalhada de gente. E, no meio daquele fuzuê todo, o menino acabou se perdendo do pai.

Um comerciante de Epidamno que por lá se achava pegou o menino e levou ele para sua terra. Já o coitado pai, desesperado com o sumiço do filho, acabou ficando doente e morreu alguns dias mais tarde lá mesmo em Tarento.

Quando a trágica notícia chegou aos ouvidos do avô, em Siracusa, o velho resolveu trocar o nome do neto que lhe restara. Como gostava demais do que tinha sumido, deu ao que ficou em casa o nome de Menecmo, que era o nome que o outro tinha e que era também como o próprio avô se chamava. Lembro-me perfeitamente bem desse nome, porque eu estava lá quando gritavam o nome da criança pelas ruas. Mas olhem bem: pra que ninguém se confunda daqui a pouco, vou deixar bem claro: os dois irmãos gêmeos acabaram ficando com o mesmo nome.

Bem, agora eu tenho que ir até Epidamno, pra poder contar bem direitinho o resto da história. Se algum de vocês quiser alguma coisa lá de Epidamno, pode pedir sem medo. É só me pagar pelo serviço. Porque, se não pagar, vai perder a chance; agora, se pagar, vai perder

muito mais.

Mas deixa eu voltar ao ponto de onde saí e parar de enrolar. Aquele cidadão de Epidamno, de quem eu falei há pouco - o tal que pegou um dos gêmeos -, tinha muito dinheiro, mas nada de filhos. Vai, então, ele adotou o menino como filho, arranjou pra ele uma esposa muito rica e ainda fez dele seu único herdeiro, quando viesse a bater com a cachuleta. E não é que um belo dia, indo ele para o campo, após um forte temporal, foi se meter a atravessar um rio e a força da correnteza derrubou ele e arrastou o desinfeliz pros quintos dos infernos? E foi assim que toda a sua enorme fortuna foi parar nas mãos do gêmeo que atualmente mora aqui, nessa casa. (*aponta a casa de Menecmo*). Agora, o outro gêmeo, o que mora em Siracusa, acaba de chegar em Epidamno com seu escravo. E vem justamente procurar o seu irmão.

Esta cidade é Epidamno, enquanto durar esta peça. Quando outra for representada, outra cidade será. Como os atores, que estão sempre mudando de papel: numa peça é mercador de mulheres, em outra é o moço, numa outra é o velho (*vai-se retirando, enquanto fala*), o pobre, o mendigo, o rei, o parasito, o charlatão...



Cena cômica, de uma pintura de Pompéia.

## ATO I

**VASSOURINHA** (*vindo da praça*) - Os moços daqui me deram o apelido de Vassourinha porque eu varro a mesa quando eu como! Esse negócio de prender prisioneiros com correntes ou de pôr travas nos pés dos escravos que costumam fugir é uma burrice sem tamanho. Ora, se o coitado já é um desgraçado e você ainda acrescenta mais desgraça na vida do infeliz, isso só vai aumentar a vontade dele de fugir e de fazer o que não deve. E eles sempre arranjam um jeito de escapar: ou serrando a argola com uma lima, ou arrancando a cavilha com uma pedra. Não tem coisa mais fácil! Por isso eu digo: se você quer realmente prender alguém, com toda a segurança, pra ele não fugir de jeito nenhum, então prenda com comida e com bebida. É só amarrar o focinho dele numa mesa farta que o cara não vai querer fugir, nem se estiver condenado à morte. Eu, por exemplo, estou indo agora ali na casa do Menecmo, de quem eu sou prisioneiro já faz um bom tempo; e faço mesmo questão que ele me prenda! O cara dá cada jantar que são verdadeiros banquetes de Ceres; a gente até precisa se levantar do leito para pegar alguma coisa que está no alto, tal a montanha de pratos que ele põe na mesa...

(*abre-se a porta da casa de Menecmo*)

**MENECMO I** - (*saindo e falando à mulher que está dentro de casa*) Se você não fosse burra, idiota, intratável e insuportável, não me aporrinharia desse jeito, porque saberia que é pior pra você mesma! De hoje em diante, se você fizer isso de novo, eu te meto o pé no traseiro e te mando de volta pra casa do seu pai. Ora, é só eu querer sair, lá vem você querendo saber aonde eu vou, o que vou fazer, tratar de que negócio, procurar o quê, trazer o quê, levar o quê! Cacete! Será que me casei com um guarda da alfândega? Meu

erro foi te mimar demais, mulher. Mas daqui pra frente, tudo vai ser diferente. Você tem que aprender a ser gente... Uma vez que eu te dou comida, lã, jóias, roupas e não deixo faltar nada em casa, trata de ter juízo nessa sua cabeça; e pára de espionar o seu marido. E pra compensar esse seu ciúme, não precisa nem me esperar pro almoço: *(para os espectadores, com um gesto obsceno)* Hoje eu vou "comer" fora.

VASSOURINHA - *(à parte)* Essa não! Ele pensa que está ameaçando a esposa, mas é a mim que ele está ameaçando; pois se ele come fora o ferrado sou eu, não ela.

MENECMO I - Hurra! *(para os espectadores)* Viram só? Com essa bronca, pus minha mulher pra correr. Onde é que estão os maridos mulherengos? Por que demoram em vir me dar os parabéns pela minha valentia? Estão vendo esta mantilha aqui? *(mostra uma mantilha de mulher, que traz vestida e que está oculta sob a capa)* Era da megera; afanei dela e agora vou levar ela pra minha putinha. Aprenderam como se faz pra tapear o sagaz vigia com sagacidade? Ah! Que golpe de mestre! Que feito de artista! Não foi sem dano que roubei isto da danada pra levar pra minha perdição. Mas agora é esquecer o prejuízo e cair na gandaia...

VASSOURINHA - Ei, moço! Não tem lugar pra mais um aí nessa gandaia?

MENECMO I - Ai, desgraça! Caí numa emboscada!

VASSOURINHA - Que emboscada que nada! Venho como reforço.

MENECMO I - Quem é que está aí?

VASSOURINHA - Eu!

MENECMO I *(vendo Vassourinha)* - Ó meu Momento Certo! Meu grande Oportuno! Salve!

VASSOURINHA - Salve, salve!

MENECMO I - Você não poderia ter chegado num momento mais oportuno do que este.

VASSOURINHA - E então eu não sei escolher sempre os melhores momentos pra chegar?

MENECMO I - Quer apreciar uma suculenta proeza?

VASSOURINHA - Feita por quem? É só me dar o que sobrou, que eu já lhe digo se o cozinheiro é bom ou não.

MENECMO I - Me diga uma coisa: por acaso você já viu aquelas pinturas na parede que têm uma águia raptando Ganimedes ou Vênus raptando Adônis?

VASSOURINHA - Claro que já, muitas vezes. Mas o que eu tenho a ver com essas pinturas?

MENECMO I *(tirando a capa que cobre a mantilha)* - Olha aqui pra mim: você não acha que estou parecido com eles?

VASSOURINHA - Que raio de roupa é essa aí?

MENECMO I - Me diga: estou ou não estou charmosíssimo?

VASSOURINHA - Onde é que nós vamos comer?

MENECMO I - Primeiro responda o que estou te perguntando.

VASSOURINHA - Hum! Você está charmosíssimo.

MENECMO I - E não vai acrescentar mais nada?

VASSOURINHA - E gozadíssimo.

MENECMO I - Fale mais.

VASSOURINHA - Mais o escambau! Primeiro eu quero saber o que ganho em troca. Eu vi você brigando com sua mulher. Essa é uma razão mais do que suficiente pra eu ficar preocupado.

MENECMO I - Ora, Vassourinha. Hoje nós vamos botar pra quebrar; vamos botar fogo neste dia sem que minha esposa...

VASSOURINHA *(interrompendo)* - Oba! Assim é que se fala! Já posso acender a fogueira? Olha que já está passando da hora do almoço...

MENECMO I - Quem está atrasando tudo é você mesmo, me interrompendo.

VASSOURINHA - Pode me arrancar os dois olhos da cara se eu abrir a boca outra vez sem você mandar.

MENECMO I *(afastando-se de casa)* - Primeiro vamos sair de perto desta porta.

VASSOURINHA *(seguindo-o)* - Pois não.

MENECMO I *(afastando-se mais e olhando para trás)* - Vamos pra mais longe um pouquinho.

VASSOURINHA *(seguindo-o)* - Sim, senhor.

MENECMO I *(sempre se afastando e olhando para trás)* - Venha, vamos nos afastar ainda mais da toca da leoa.

VASSOURINHA - Caramba, Menecmo! Você daria prum bom

condutor de bigas nas corridas.

**MENECMO I** - Ué, por quê?

**VASSOURINHA** - Tá sempre olhando pra trás com medo de que sua mulher o alcance...

**MENECMO I** - O que você está dizendo?

**VASSOURINHA** - Eu? Nada, nada. Só o que você mandar.

**MENECMO I** - Vassourinha, você seria capaz de adivinhar alguma coisa pelo cheiro?

**VASSOURINHA** - Bem, se for coisa de comer...

**MENECMO I** (*levando-lhe a parte de baixo da mantilha ao nariz*)

- Dá uma cheiradinha nisso aqui e me diga: tem cheiro de quê?

**VASSOURINHA** (*cheira e recua com nojo*) - Puah! Bacalhau! Ô Menecmo, roupa de mulher a gente tem que cheirar na parte de cima.

**MENECMO I** - Então toma, cheira aqui. (*dá-lhe a parte de cima; Vassourinha faz ar de satisfação*) Agora você gostou, né, seu enjoado? E aí? Que cheiro tem?

**VASSOURINHA** - Hum! Tem cheiro de roubo, de almoço e de... putaria!

**MENECMO I** - Muito bem! Acertou! Roubei da megera e vou levar pra Erócia; e também vou mandar ela preparar um almoço pra mim, pra você e pra ela.

**VASSOURINHA** - Oba! Isso sim é que é falar direito! Já posso bater na porta?

**MENECMO I** - Pode. Não, não, espera mais um pouco.

**VASSOURINHA** - Lá vem você afastando o garrafão a mil passos de distância...

**MENECMO I** - Então bate, mas bem de leve, hein!

**VASSOURINHA** - Por acaso está pensando que o cenário é de isopor?

(*Vassourinha se encaminha resolutamente para a porta; esta se abre*)

**MENECMO I** (*vendo Erócia, que sai de casa*) - Oh! Não! Espera! Espera, pelo amor de Júpiter! É ela! Olha lá! Veja como até o sol perde o brilho diante do esplendor de seu corpo!

**ERÓCIA** - Oi, Menecmo, meu amor.

**MENECMO I** - Oi, tesão da minha vida! Você não sabe a raiva que eu tenho da minha mulher quando olho pra você!

**ERÓCIA** - É, mas não parece. Você até usa as coisas dela. Que roupa é essa aí?

**MENECMO I** - Ah! minha flor, é uma mantilha que roubei de minha mulher pra dar pra você.

**ERÓCIA** - Pra mim, Menecmo? Oh! Como você sabe ser o melhor de todos os que me desejam!

**VASSOURINHA** (*à parte*) - Caramba, como essas putas são falsas! (*alto*) Mas afinal, Menecmo, você vai ou não vai dançar?

**MENECMO I** - Eu dançar? Que história é essa? Tá maluco?

**VASSOURINHA** - Quem é que está maluco, eu ou você? Se não vai dançar, então tira essa coisa.

**MENECMO I** - Você não sabe o risco que eu corri pra roubar esta mantilha, Vassourinha. Acho que nem Hércules, quando roubou o cinto de Hipólita, passou por tão grande perigo! (*tirando a mantilha e entregando-a para Erócia*) Tome, pegue pra você, querida, que é a única capaz de me levar ao êxtase!

**VASSOURINHA** (*à parte*) - E à miséria também.

**MENECMO I** - Paguei quatro minas por ela o ano passado.

**VASSOURINHA** (*à parte*) - Lá se foram mais quatro minas ...

**MENECMO I** - Agora, minha deusa, eu quero que você prepare em sua casa um almoço para nós três. Mandé comprar língua de porco ou pernil ou presunto ou cabeça de leitão ou qualquer outra coisa do tipo. Mas eu quero tudo feito no capricho, me dando uma fome de abutre.

**ERÓCIA** - Pode deixar.

**MENECMO I** - Enquanto isso nós vamos dar umas voltas pela praça. Mas daqui a pouco estaremos aqui. Por isso se apresse.

**ERÓCIA** - Pode deixar. Venha quando quiser. Logo-logo vai estar tudo pronto.

**MENECMO I** - Então, até mais. Vassourinha, você vem comigo?

**VASSOURINHA** - Se vou? Hoje eu não desgrudo de você nem em troca de todas as riquezas dos deuses. (*saem ambos*)

**ERÓCIA** (*chamando*) - Cilindro! Vem aqui fora!

**CILINDRO** - Pronto, Madame.

**ERÓCIA** - Tome este dinheiro e vá ao mercado comprar comida. Mas traga o suficiente para três pessoas. Não quero nem que falte nem que sobre.

**CILINDRO** - E quem são essas três pessoas, madame?

**ERÓCIA** - Eu, o Menecmo e o Vassourinha.

**CILINDRO** - Ai! então já são dez pessoas! Só o Vassourinha come por umas oito!

**ERÓCIA** - Eu já te falei quem são os convidados. O resto é com você.

**CILINDRO** - Deixa comigo, madame. Já-já estará tudo pronto. Se a senhora quiser, já pode mandar os convidados se acomodarem à mesa.

**ERÓCIA** - Pare de falar e vai logo.

**CILINDRO** (*saindo apressado em direção à praça*) - Tô indo, tô indo.

(*Erócia entra em sua casa*)



Cena cômica, segundo uma pintura de Pompéia.

## ATO II

**MENECMO II** (*vindo do porto, com seu escravo, que traz nas costas uma bolsa*) - Não, Messênio, eu lhe digo que não tem prazer maior para o navegante do que quando ele avista terra lá do alto mar.

**MESSÊNIO** - Pra falar a verdade, senhor, o prazer é ainda maior se a terra que ele avista é a sua. Mas me diga uma coisa, seu Menecmo: o que viemos fazer em Epidamno?

**MENECMO II** - Ora, Messênio, você sabe.

**MESSÊNIO** - É, eu sei, mas o público não.

**MENECMO II** (*ao público*) - Estou procurando meu irmão gêmeo.

**MESSÊNIO** - E o senhor ainda não se convenceu de que essa busca é inútil? Olha que já faz seis anos que estamos nisso. A Ístria, a Hispânia, a Ilíria, todo o mar Adriático, a Magna Grécia, toda a costa da Itália, por todos esses lugares nós já passamos. E nada! Se a gente estivesse procurando uma agulha, a gente já teria achado. Mas é um morto no meio dos vivos que estamos procurando.

**MENECMO II** - Pode ser, Messênio. Só que eu preciso ter certeza disso. Mas, enquanto eu não tiver uma prova de que ele realmente morreu, eu vou continuar procurando. Só eu sei a saudade que sinto dele.

**MESSÊNIO** - Mas isso é o mesmo que procurar pêlo em ovo. Vamos voltar pra casa, senhor! A não ser que o senhor esteja querendo virar historiador...

**MENECMO II** - Escuta aqui, Messênio: faça o que lhe mando e coma o que lhe dou. E vê se pára de me encher o saco. Será que é você que me dá ordens agora, é?

**MESSÊNIO** - Ah! é mesmo, patrão! Suas palavras me fazem lembrar que o escravo aqui sou eu. O senhor falou pouco, mas falou tudo e

com muita clareza. Mas tem uma coisa que eu não posso deixar de dizer, patrão: quando examino a nossa bolsa, noto que ela está cada vez mais vazia. Se a gente não voltar logo pra casa, vai chegar uma hora em que o senhor vai encontrar gemidos em vez de gêmeo. O senhor não sabe como são as pessoas daqui de Epidamno. São todos loucos por farras e bebidas; a cidade está cheinha de vigaristas e aduladores. E as putas daqui então? São as mais sedutoras do mundo. É por isso que esta cidade se chama Epidamno: ninguém consegue ir embora daqui sem algum dano.

**MENECCMO II** - Ah! é? Então já vou começar a tomar minhas precauções. Passe já pra cá essa bolsa!

**MESSÊNIO** - Por quê?

**MENECCMO II** - Porque fiquei com medo.

**MESSÊNIO** - Medo de quê?

**MENECCMO II** - De que você me cause algum dano em Epidamno!

É que você, Messênio, não pode ver um rabo-de-saia, e eu sou um sujeito que se irrita com qualquer coisinha. Por isso, ficando com a bolsa, eu evito dois problemas: nem você me apronta uma das suas, nem eu preciso ficar bravo com você.

**MESSÊNIO** (*entregando a bolsa*) - Tome, fique com ela. Isso até me deixa contente.

**CILINDRO** (*entrando todo feliz, com algumas sacolas de supermercado; de repente vê Menecmo e pára surpreso*) - Júpiter do céu! É o senhor Menecmo que já está ali! Aiaiai! Tou ferrado! Eu ainda chegando com a comida e os convidados já esperando na porta. (*aproxima-se de Menecmo*) Bom dia, senhor Menecmo.

**MENECCMO II** - Que os deuses te amem, quem quer que você seja, meu rapaz!

**CILINDRO** - Como "quem quer que eu seja"? Por acaso o senhor não sabe quem eu sou?

**MENECCMO II** - Não; nunca te vi mais gordo.

**CILINDRO** - Senhor Menecmo, e cadê o outro convidado?

**MENECCMO II** - Que outro convidado?

**CILINDRO** - O seu parasito.

**MENECCMO II** - Meu parasito? (*a Messênio*) Esse cara não está batendo bem.

**MESSÊNIO** - Eu não disse que esta cidade é cheia de vigaristas...

**MENECCMO II** (*a Cilindro*) - Que parasito é esse, meu rapaz?

**CILINDRO** - Ué, o Vassourinha.

**MESSÊNIO** - Vassourinha? Nós temos uma aqui na mala, novinha em folha.

**CILINDRO** - Mas, senhor Menecmo, o senhor está chegando muito cedo para o almoço. Estou vindo agora do mercado...

**MENECCMO II** - Escuta aqui, ô pentelho: você perdeu a noção de perigo, pra ficar enchendo o saco de gente que você não conhece?

**CILINDRO** - Mas, senhor Menecmo, eu sou o Cilindro!

**MENECCMO II** - Cilindro ou Culindro, vá pro diabo que te carregue. Não te conheço, nem quero te conhecer.

**CILINDRO** - Mas o senhor é o senhor Menecmo.

**MENECCMO II** - Lá isso eu sei. Mas como é que você sabe o meu nome? De onde é que você me conhece, hein?

**CILINDRO** - De onde eu conheço o senhor? O senhor, que tem a minha patroa Erócia como amante?

**MENECCMO II** - Ai, meu saco! Que amante? Eu lá tenho amante? Vai te catar, sô!

**CILINDRO** - Então não sou eu que encho o seu copo de vinho todas as vezes que o senhor vai lá em casa?

**MESSÊNIO** - Ô desgraça! E eu não tenho nada aqui pra quebrar na cabeça desse sujeito!

**MENECCMO II** - Mas como você enche meu copo, se esta é a primeira vez que venho a Epidamno?

**CILINDRO** - O senhor nega?

**MENECCMO II** - Claro que nego, cacete!

**CILINDRO** (*apontando para a casa de Menecmo*) - Vai me dizer também que o senhor não mora naquela casa ali?!

**MENECCMO II** - Eu quero que se danem as pessoas que moram naquela casa!

**CILINDRO** (*à parte*) - Nossa! O seu Menecmo ficou louco. Tá rogando praga em si mesmo! (*em voz alta*) Senhor Menecmo...

**MENECCMO II** - Que que é?

**CILINDRO** - Me desculpe o atrevimento, mas acho que o senhor devia mandar se purificar. O senhor não está batendo bem da cabeça

não!

**MENECCMO II** - Ora, vai ver se eu estou lá no Coliseu, sô!

**CILINDRO** *(para os espectadores e apontando para Menecmo)* -

Ele é assim mesmo. Tá sempre brincando comigo. Ele é muito engraçado quando sua esposa não está perto. *(para Menecmo)* Ei, senhor Menecmo. O senhor acha que essa comida dá pros três? Ou será que eu tenho que comprar mais pro senhor, pra sua amante e pro seu parasito?

**MENECCMO II** - Lá vem você de novo com essa história de amantes e de parasitos!

**MESSÊNIO** - Que desgraça te persegue pra você ser assim tão chato, hein?

**CILINDRO** - Eu não estou falando com você, estou falando com ele. Eu não te conheço, cara.

**MESSÊNIO** - Esse aí é um doido varrido mesmo!

**CILINDRO** - Bem, senhor Menecmo, preciso entrar pra botar isso aqui no fogo. Fique por aí, daqui a pouco vai estar tudo pronto. Posso ir?

**MENECCMO II** - Pode ir sim, mas pros quinto dos infernos!

**CILINDRO** - Minha Nossa! O homem está nervoso mesmo. Eu vou correndo avisar a dona Erócia que o senhor está aqui fora esperando.

Aguarde um momentinho aí. *(entra na casa de Erócia)*

**MENECCMO II** - Por Pólux, Messênio. Realmente você tinha razão.

**MESSÊNIO** - E trate de ficar atento, patrão. A tal sirigaita deve morar nessa casa aí, pelo que aquele maluco falou.

**MENECCMO II** - Mas o que me deixa besta, Messênio, é como é que ele sabe o meu nome.

**MESSÊNIO** - Ora, isso é o de menos. A tal piranha deve ter mandado uma criadinha até o porto pra perguntar de quem era o navio que chegou e coisa e tal e piriri-pororó... Elas fazem sempre assim. Depois passam a lábia no imbecil e o infeliz volta pra casa arruinado. Escute bem o que estou dizendo, patrão: tome cuidado!

**MENECCMO II** - Psiu! Fica quieto! A porta rangeu. Vamos ver quem é que vai sair.

**ERÓCIA** *(saindo de casa e falando aos de dentro)* - Vão cuidando de tudo aí dentro. Quero tudo no capricho, hein! A mesa bem posta,

a cama bem arrumada e o quarto bem perfumado. *(olhando em redor)* Mas cadê o Menecmo? O Cilindro falou que ele estava aqui em frente de casa. Ah! Lá está o meu útil e proveitoso otário. *(dirigindo-se a Menecmo)* Oi, minha gostosura. O que é que você está fazendo aí fora, se a porta de minha casa está sempre aberta pra você? Vamos entrar, querido. O almoço que você pediu já está quasc pronto.

**MENECCMO II** - Com quem essa mulher está falando?

**ERÓCIA** - Ora, com você, é claro, meu docinho.

**MENECCMO II** - Comigo? Mas o que é que eu tenho a ver com você?

**ERÓCIA** - Puxa, queridinho! Então você não é o único e verdadeiro amor de minha vida? O único pra quem eu dou... o meu carinho mais especial? O único capaz de me dar prazer e me fazer feliz?

**MENECCMO II** - Xi, Messênio, essa sujeita aí ou é maluca ou está de porre. Fala comigo com a maior intimidade, como se me conhecesse!

**MESSÊNIO** - Não te falei que as putas daqui eram fogo? Cuidado, patrão: elas são todas apaixonadas, mas é pelo seu dinheiro. Mas espere um pouco, deixe eu falar com ela. *(para Erócia)* Ei, moça! Posso falar com você?

**ERÓCIA** - Comigo?

**MESSÊNIO** - É, com você. De onde você conhece esse homem?

**ERÓCIA** - Ora, de onde... daqui mesmo, de Epidamno. Por quê?

**MESSÊNIO** - Como daqui mesmo, se essa é a primeira vez que ele põe os pés em Epidamno?

**ERÓCIA** - Ora, que brincadeira mais sem graça! *(para Menecmo)* Vamos, Menecmo, vamos entrar, meu amor. Lá dentro tem um mundo de prazeres à sua espera.

**MENECCMO II** - Caramba, Messênio! Essa fulana também sabe meu nome! Eu estou ficando é besta com essa história.

**MESSÊNIO** - Tá na cara que ela já sentiu o cheiro da grana que o senhor tem aí na bolsa.

**MENECCMO II** - É mesmo, Messênio! Bem lembrado! Pegue a bolsa e leva pra lá. Já vou saber se é comigo ou se é com a minha bolsa que essa piranha quer transar.

**ERÓCIA** - E então? Vamos entrar pra almoçar?

**MENECMO II** - Almoçar? Obrigado, dona, mas já almocei.

**ERÓCIA** - Ué, mas então por que é que você me mandou preparar um almoço pra você?

**MENECMO II** - O quê? Eu mandei você preparar um almoço?

**ERÓCIA** - Mandou. Pra você e pro seu parasito.

**MENECMO II** - Ô saco! Mas que mané parasito é esse?

**ERÓCIA** - Ora, o Vassourinha.

**MENECMO II** - Vassourinha? Aquela de limpar sandálias?

**ERÓCIA** - O Vassourinha que estava com você aqui, quando você me deu a mantilha que roubou de sua mulher.

**MENECMO II** - Como é que é? Eu te dei uma mantilha que roubei de minha mulher? (*para o público*) Essa fulana aí está parecendo um cavalo capado: tá sonhando em pé.

**ERÓCIA** - Mas, Menecmo, que graça tem agora você dizer que não fez o que fez?

**MENECMO II** - E o que foi que eu fiz que disse que não fiz?

**ERÓCIA** - Você disse que não me deu a mantilha de sua mulher!

**MENECMO II** - E não dei mesmo. Eu nem sou casado, nem jamais fui e nunca, desde que nasci, pus os pés nesta cidade. Almocei em meu navio e de lá vim direto pra cá.

**ERÓCIA** - Ai, meus deuses! De que navio você está falando agora?

**MENECMO II** - De uma droga de navio de madeira, sempre quebrado, sempre repregado, todo remendado. Até parece uma oficina de peleiro: é remendo em cima de remendo.

**ERÓCIA** - Por favor, Menecmo, agora chega de brincadeira e vamos entrar.

**MENECMO II** - Não sei com quem você está me confundindo, moça. Mas eu não sou quem você pensa que eu sou.

**ERÓCIA** - Ora, então não te conheço, Menecmo, filho de Mosco, nascido, como todo mundo sabe, em Siracusa na Sicília, onde reinou o rei Agátocles, e depois Fíntias, e depois Liparão, que, por morte, deixou o cetro a Hierão, que é quem reina atualmente?

**MENECMO II** - O que essa mulher falou é a pura verdade!

**MESSÊNIO** - Pelos pentelhos de minha avó! Pra te conhecer assim tão bem, ela só pode ter vindo de lá.

**MENECMO II** - Eu tive uma idéia, Messênio. Acho que a coisa está

boa pra nós. Vou começar a concordar com tudo que essa dona está dizendo e talvez eu consiga um almoço de graça na casa dela.

**MESSÊNIO** - Não faça essa besteira, patrão. O senhor vai entrar bem, entrando lá.

**MENECMO II** - Fica quieto! (*em voz baixa, para Erócia*) Olha, moça: eu estava agindo daquele jeito, mas era pra disfarçar. Eu estava com medo que aquele cara ali fosse contar tudo pra minha mulher sobre a mantilha e sobre o almoço. Mas agora, se você quiser, podemos entrar.

**ERÓCIA** - E o Vassourinha? Você não vai esperar por ele?

**MENECMO II** - Que esperar que nada! Ele que vá varrer em outra freguesia.

**ERÓCIA** - Ótimo! Eu também prefiro assim. Mas, sabe, eu posso te pedir uma coisinha?

**MENECMO II** - Tudo o que você quiser.

**ERÓCIA** - Sabe a mantilha que você me deu? Eu gostaria que você levasse ela a um bordador, pra ele colocar uns enfeites do meu gosto.

**MENECMO II** - Mas que boa idéia! Assim ela fica diferente e, mesmo que minha mulher te veja com ela, nem vai desconfiar que é a dela.

**ERÓCIA** - Então, quando você for embora, você leva ela com você.

**MENECMO II** - Combinado!

**ERÓCIA** - Então vamos entrar?

**MENECMO II** - Vai indo na frente. Tenho ainda que dizer umas coisinhas praquela ali. (*Erócia entra em casa*) Messênio, venha cá.

**MESSÊNIO** - O que é?

**MENECMO** - Já sei o que você vai dizer, mas fica quieto. Eu sei o que estou fazendo. Leve o pessoal pruma estalagem e trate de voltar aqui antes do pôr-do-sol.

**MESSÊNIO** - O senhor não sabe como são essas putas, senhor.

**MENECMO II** - Bico calado! Se eu fizer alguma besteira, quem vai se danar sou eu e não você. Agora, vai. (*entra na casa de Erócia*)

**MESSÊNIO** - (*para o público*) Querem saber de uma coisa? Eu tô cagando-e-andando pelo que possa acontecer. Ele vai se ferrar? Que se dane. Ele me comprou foi pra obedecer, não para dar conselhos. Eu vou é tratar de fazer o que ele mandou... (*sai para o porto*)

## ATO III

**VASSOURINHA** (*vindo da praça*) - Nunca, em meus trinta anos de existência, fiz uma burrada tão grande como a que eu fiz hoje. Cai na besteira de me enfiar no meio de uma assembléia popular e, enquanto eu fiquei lá feito bobo, o Menecmo acabou desaparecendo da minha vista. Com certeza, ele foi pra casa de sua amante e não quis me levar. Ah! Maldito seja quem inventou essa besteirada de assembléias e comícios. Por causa disso acabei perdendo o meu rico almocinho! Mas eu ainda vou lá. Quem sabe eu ainda consigo pegar umas sobrinhas. (*Menecmo aparece na porta, com Erócia*) Mas ele já está saindo. E com uma coroa na cabeça. Quer dizer então que o almoço já era, né? Ah! Mas ele me paga!

(*Vassourinha se afasta para se esconder e ficar observando*)

**MENECMO II** - Pode ficar descansada, minha deusa. Hoje mesmo eu trago sua mantilha de volta, com todos os enfeites que você quer. Você não vai nem dizer que é a mesma. (*Erócia entra*) Aliás, essa aqui ela nunca mais vai ver na vida. Ah! Deuses imortais! Que dia mais inesperado e mais lucrativo vós me destes hoje! O espantoso é que não faz nem três minutos que entrei ali e deu tempo de almoçar, beber todo o vinho (*breve pausa*) e ainda comer aquela putinha! Só em teatro mesmo.

**VASSOURINHA** - Daqui não dá pra ouvir o que ele está falando, mas com certeza está falando de mim e de minha parte...

**MENECMO II** - Bem. Agora eu vou tratar de dar o fora daqui...

**VASSOURINHA** - (*furioso*) Espera aí, seu ordinário, tratante, vergonha dos humanos, safado, vigarista que não vale um tostão furado! Que foi que eu fiz pra merecer que você me ferrasse desse jeito, hein? Comeu tudo sozinho e me deixou de fora, né? Eu também não era dono de uma parte?

**MENECMO II** - Que isso, cara? Que história é essa de me ofender assim sem nenhum motivo e sem me conhecer? Tá com vontade de levar uma porrada no meio da cara, é?

**VASSOURINHA** - Pelo que sei, essa porrada você já me deu.

**MENECMO II** - Escuta aqui, ô rapaz, quem é você?

**VASSOURINHA** - E ainda por cima me goza, como se não se não soubesse quem eu sou!

**MENECMO II** - E não sei mesmo! Nunca te vi na vida. Mas seja lá quem você for, trate de não me encher o saco!

**VASSOURINHA** - Ei, Menecmo, acorda!

**MENECMO II** - Eu estou acordado, saco!

**VASSOURINHA** - E não sabe quem eu sou?

**MENECMO II** - Claro que não.

**VASSOURINHA** - Eu sou o seu parasito.

**MENECMO II** - Pelo jeito, você não está batendo bem, rapaz!

**VASSOURINHA** - E você vai dizer também que não roubou essa mantilha aí de sua mulher para dar pra sua amante?

**MENECMO II** - Ora, eu nem sou casado, nem tenho amante e não roubei porra nenhuma de ninguém. Vá se internar, rapaz!

**VASSOURINHA** - Essa é boa! Então não vi você sair vestido com essa roupa?

**MENECMO II** - Tá pensando que todo mundo é viado, só porque você é, seu boiolo? Só faltava essa! Eu, vestido com isso aqui.

**VASSOURINHA** - Pois estava mesmo!

**MENECMO II** - Ora, vá pentear macaco! Some da minha frente, seu energúmeno!

**VASSOURINHA** - Ah! é assim, né? Pois eu juro que vou contar tudo pra sua esposa, tintim por tintim! Aí é que eu quero ver quem é que vai se dar mal. Não vou deixar barato você ter comido todo o almoço sem mim, mas não vou mesmo! *(entra furioso na casa de Menecmo)*

**MENECMO II** - Mas que raio de cidade é essa? Tá todo mundo pirado por aqui.

**CRIADA** *(saindo da casa de Erócia)* - Senhor Menecmo, a dona Erócia falou que ficaria muito agradecida se o senhor, no caminho, passasse no ourives e mandasse ele consertar esta pulseira. *(entrega*

*a pulseira a Menecmo)*

**MENECMO II** *(examinando a pulseira)* - Pode dizer a ela que cuido disso e de tudo o mais que ela quiser.

**CRIADA** - O senhor sabe que pulseira é essa?

**MENECMO II** - Não, mas sei que é de ouro.

**CRIADA** - Essa é aquela que um dia o senhor roubou de sua esposa. O senhor vivia se gabando disso.

**MENECMO II** - Eu? Eu nunca fiz isso.

**CRIADA** - Se o senhor não lembra, então me devolve a pulseira.

**MENECMO II** - Espera lá. Claro que me lembro. Mas é aquela mesmo.

**CRIADA** - Pois é aquela.

**MENECMO II** - É onde estão aquelas pulseiras maiores que eu dei no mesmo dia?

**CRIADA** - Pulseiras maiores? O senhor nunca deu.

**MENECMO II** - Dei sim, junto com essa.

**CRIADA** - Posso entrar, senhor Menecmo, e dizer à patroa que o senhor vai cuidar de tudo?

**MENECMO II** - Pode, pode entrar. *(a criada entra na casa de Erócia)* Eu vou cuidar de tudo, sim. Que tudo seja vendido pelo seu melhor preço. Ah! Os deuses realmente me amam! Mas deixa eu cair fora logo desse antro de putas, antes que descubram o engano. *(tirando a coroa da cabeça)* Vou jogar isto aqui ali daquele lado. Se alguém me seguir, vai pensar que fui por lá. E agora vou procurar o Messênio; ele vai ficar é besta com tudo isso. *(sai para o porto)*



Máscaras cômicas diversas, segundo manuscrito antigo da Bibliothéque Royale.

## ATO IV

**ESPOSA** (*saindo de casa, com Vassourinha*) - Então você está dizendo que o meu marido rouba tudo o que tem em casa pra levar pra sua amante?

**VASSOURINHA** - Não diga nada. É só esperar pra ver. Ele comeu e bebeu naquela casa ali e depois saiu com uma coroa na cabeça, levando a mantilha que roubou da senhora. (*vendo a coroa no chão*) Ah! Olha lá. Veja se eu estou mentindo. Aquela é a coroa que ele tinha na cabeça. Se a senhora quer ir atrás dele, é por lá que ele foi. (*aponta para onde Menecmo I vem entrando*) A-lá! Olha ele voltando, só que sem a mantilha.

**ESPOSA** - E o que você acha que eu devo fazer com ele?

**VASSOURINHA** - O de sempre: mete o fumo nele!

**ESPOSA** - É o que eu vou fazer.

**VASSOURINHA** - Mas espere um pouco, senhora. Primeiro vamos observar o que ele vai fazer. (*ficam de lado, espreitando*)

**MENECMO I** (*aos espectadores*) - Mas que mania mais idiota essa nossa de querer ter uma clientela cada vez maior. Se o cliente é honesto ou desonesto, isso pouco importa. O que interessa é sua situação financeira. Basta ser rico pra ser tido como um cliente de bem. Mas são justamente esses que estão sempre enrolados com a justiça: vivem passando por cima da lei, cometendo fraudes e dando dor de cabeça aos patronos. Estão sempre metidos em processos, esses velhacos. O pior é que, quando são intimados, os patronos também têm que comparecer. Por isso, maldita hora que me deu na telha de ir lá na praça! Um dos meus clientes me encontrou e me levou pra defendê-lo de suas falcatruas diante dos edis. Pensei em resolver tudo logo, mas nunca vi um cara mais envolvido em maracutaias do que aquele. O miserável me estragou o dia. A esta

hora, Erócia deve estar tiririca comigo. Ainda bem que lhe dei aquela mantilha que roubei de minha mulher...

**VASSOURINHA** - Ouviu só o que ele disse?

**ESPOSA** - Mas que sem-vergonha, ordinário!

**MENECMO I** - Bem, o melhor é eu entrar lá, que é onde eu passo bem.

**VASSOURINHA** - Péra lá! Antes você vai passar mal!

**ESPOSA** - Seu sem-vergonha, você vai me pagar com juro a mantilha que me roubou!

**VASSOURINHA** - Fumo nele!

**ESPOSA** - Então você achou que ia poder fazer toda essa bandalheira sem eu saber, né!

**MENECMO I** - Mas o que aconteceu, mulher?

**ESPOSA** - É a mim que você pergunta?

**MENECMO I** - Você quer que eu pergunte pra quem? pra ele? (*tentando abraçá-la*) Ah! benzinho...

**ESPOSA** - Vá pra lá com essa mão boba!

**VASSOURINHA** - Vamo que vamo!

**MENECMO I** - Mas por que você está zangada comigo?

**ESPOSA** - Você deve saber.

**VASSOURINHA** - Ele sabe. Ele só está disfarçando, o safado!

**MENECMO I** - Mas o que que houve?

**ESPOSA** - A mantilha...

**MENECMO I** - A mantilha?

**ESPOSA** - A mantilha, é. O que é que te assusta?

**MENECMO I** - Eu? Nada... (*à parte*) a não ser uma coisa: a merda dessa mantilha me desmantela.

**VASSOURINHA** - Isso é pra você aprender a não almoçar escondido de mim. Vamos, senhora, larga o pau!

**MENECMO I** - Quer calar essa boca, pô!

**VASSOURINHA** - Eu, calar? (*Menecmo faz alguns sinais a Vassourinha*) Olha lá! O safado está me fazendo sinal pra eu ficar quieto!

**MENECMO I** - Mas que sinal? Eu não estou fazendo sinal nenhum pra essa coisa aí, não.

**VASSOURINHA** (*para a mulher*) - Mas que cara-de-pau! Ele nega

o que a senhora está vendo com seus próprios olhos.

**MENECMO I** - Te juro, mulher, te juro que eu não fiz sinal nenhum pra esse...

**VASSOURINHA** (*interrompendo*) - Tá bom, ela acredita. Mas vamos voltar ao ponto.

**MENECMO I** - Que ponto?

**VASSOURINHA** - A mantilha...

**MENECMO I** - Que mantilha?

**VASSOURINHA** (*para a mulher*) - Explique a senhora.

**ESPOSA** - Ai, como eu sou infeliz!

**MENECMO I** - Você, infeliz, benzinho?! Por quê? Por acaso, algum escravo fez alguma coisa que você não gostou?

**ESPOSA** - Tá dizendo besteira.

**MENECMO I** - As criadas não estão te obedecendo?

**ESPOSA** - Tá dizendo besteira.

**MENECMO I** - Aposto que você está furiosa com algum criadinho.

**ESPOSA** - Tá dizendo besteira.

**MENECMO I** - Então é comigo que você está brava?

**ESPOSA** - Ah! Bom! Agora você não tá dizendo besteira.

**MENECMO I** - Mas eu não fiz nada!

**ESPOSA** - Já tá dizendo besteira de novo.

**MENECMO I** (*pondo a mão no ombro da mulher*) - Diz, amoreco: o que é que você tem, conta pra mim, não quero ver você triste assim!

**VASSOURINHA** - Olha só o bonitinho! (*para a mulher*) Cuidado com a lábia dele, hein!

**MENECMO I** - Quer parar de encher o saco. Estou falando com você, por acaso? (*pegando no braço da esposa*) Escuta, benzinho...

**ESPOSA** - Tira a pata!

**VASSOURINHA** - Isso! Vai almoçar sem mim de novo. Depois fique aí na porta, bêbado, me gozando!

**MENECMO I** - Mas que diacho, Vassourinha. Eu não almocei sem você em lugar nenhum; nem pus os pés aí dentro hoje.

**VASSOURINHA** - Ah! é, é? Mas que cara-de-pau! Então não te vi aqui, na frente desta casa, com uma coroa de flores na cabeça, me dizendo que eu não estava batendo bem da bola, que não me

conhecia?

**MENECMO I** - Mas que história é essa? Só agora eu estou voltando da praça.

**VASSOURINHA** - Eu te conheço muito bem! Pensou que eu não ia me vingar, né? Pois contei tudo pra sua mulher.

**MENECMO I** - Tudo o quê?

**VASSOURINHA** - Não sei. Pergunte a ela.

**MENECMO I** - O que foi que ele te contou, mulher?

**ESPOSA** - Como se você não soubesse...

**MENECMO I** - Bolas! Se eu soubesse, eu não perguntava.

**ESPOSA** - Já que você não tem mesmo vergonha nessa cara, eu vou dizer: alguém roubou uma mantilha lá de casa.

**MENECMO I** - Não diga? Roubaram uma mantilha nossa?

**VASSOURINHA** - Olha só o descarado querendo te enrolar! Foi dela que roubaram uma mantilha, não de você.

**MENECMO I** (*furioso*) - Você não se meta senão eu te quebro a cara! (*carinhoso*) Mas o que é que você dizia, querida?

**ESPOSA** - Uma mantilha sumiu lá de casa.

**MENECMO I** - Sumiu? E quem foi que roubou?

**ESPOSA** - Quem roubou deve saber.

**MENECMO I** - Mas diga quem foi, benzinho.

**ESPOSA** - Um tal Menecmo.

**MENECMO I** - Mas que salafrário! E quem é esse tal Menecmo?

**ESPOSA** - Tu

**MENECMO I** - Eu?

**ESPOSA** - Tu, sim senhor.

**MENECMO I** - E quem me acusa?

**ESPOSA** - Eu.

**VASSOURINHA** - E eu. E que você levou para a sua amante Erócia.

**MENECMO I** - Eu?

**ESPOSA** - Tu, tu, tu, eu te digo.

**VASSOURINHA** - Você quer que a gente te traga uma coruja pra ficar te repetindo sem parar "tu, tu, tu"? Nós já estamos de saco cheio.

**MENECMO I** - Eu te juro, mulher. Por Júpiter e por todos os deuses, eu te juro que não dei.

**VASSOURINHA** - Pois nós também juramos por Júpiter e por todos os deuses que você deu.

**MENECMO I** (*para Vassourinha, entre os dentes*) - Eu te mato, desgraçado! (*para a mulher*) O que eu quero dizer é que não dei de presente; eu só emprestei.

**ESPOSA** - Ah! é, é? E por acaso eu empresto a sua clâmide, o seu pálio, suas sandálias, empresto? Se você quiser emprestar, empreste as suas coisas; as minhas, quem empresta sou eu. E trate de trazer de volta a minha mantilha hoje mesmo!

**MENECMO I** - Prometo que vou trazer, querida.

**ESPOSA** - E vai ser melhor pra você mesmo, porque, sem a mantilha, você não entra em casa, ouviu bem? (*vai entrando em sua casa*)

**VASSOURINHA** - Ei, e eu? Não vou ganhar nada por esse serviço que te prestei?

**ESPOSA** - Farei o mesmo pra você quando roubarem alguma coisa de sua casa. (*entra*)

**VASSOURINHA** - Mas isso nunca vai acontecer, caramba! Não tem nada em casa para ser roubado. Ah! Marido, mulher, vão todos pro diabo que os carregue! Eu vou mas é atrás de outro protetor. Pelo jeito, dessa família aí eu já estou definitivamente varrido e mal-pago. (*sai para a praça*)

**MENECMO I** (*sozinho*) - Ah! Ah! Minha mulher está pensando que me castiga, não me deixando entrar. Como se eu não tivesse um outro lugar muito melhor pra ir. Tô pouco me lixando praquela megera. Eu vou é ali na casa da Erócia, que nunca fecha a porta pra mim. Quer dizer: só fecha quando já estou lá dentro, com ela. (*breve pausa*) Mas antes preciso pedir a mantilha de volta, senão estou ferrado. (*batendo na porta*) Ei, alguém aí, chame a Erócia pra mim!

**ERÓCIA** (*saindo de sua casa*) - Quem é que está me chamando?

**MENECMO I** - Alguém que gosta mais de você do que de si mesmo.

**ERÓCIA** - Oi, Menecmo, querido, por que você não entrou?

**MENECMO I** - É que eu vim aqui pra te pedir uma coisa. Sabe aquela mantilha que te dei? Pois é. Minha mulher ficou sabendo de tudo. Por favor, me devolva ela que depois eu te compro outra, três vezes mais cara, que você mesma vai escolher.

**ERÓCIA** - Ué, mas aquela eu já te dei pra você levar pra arrumar.

**MENECMO I** - O quê? Você já me deu a mantilha?

**ERÓCIA** - Não só a mantilha. Uma pulseira de ouro também.

**MENECMO** - Como é que é? Você me deu a mantilha e uma pulseira? Essa não! Depois daquela hora só agora é que estou voltando.

**ERÓCIA** - Ah! Já entendi qual é a sua. Você está inventando essa história, pra me roubar as coisas que te confiei, né?

**MENECMO I** - Não, benzinho. Não quero te roubar nada não. É que a minha mulher ficou sabendo de tudo.

**ERÓCIA** (*com firmeza*) - Escuta aqui, Menecmo: eu não te pedi nada. Você deu a mantilha porque quis. Deu e agora quer de volta; né? Pois muito bem! Pode ficar com ela pra você; pode dar ela pra sua esposa ou use você mesmo, ou guarde no cofre! Só que tem uma coisa: de hoje em diante você não vai mais pôr os pés aqui dentro de casa. Não adianta nem tentar. Já que você me paga com desprezo todo o carinho que lhe dou, todo o bem que lhe faço, se não vier com dinheiro na mão, vai perder seu tempo. A mim você não engana mais. Trate de procurar outra trouxa pra você lograr. (*entra em sua casa*)

**MENECMO I** - Putisgrila! Ela ficou puta mesmo! Aiai! Agora sim é que eu estou mesmo no olho da rua. Nem na minha casa, nem na casa de minha amante, ninguém acredita em mim. Vou atrás dos meus amigos, pra ver se eles me ajudam a sair dessa. (*sai para a praça*)



Uma telha de Pompéia representando uma máscara cômica.

## ATO V

**MENECCMO II** (*vindo do porto*) - Mas que grande besteira a minha deixar a bolsa do dinheiro com o Messênio. Aposto que ele está metido com alguma vagabunda por aí.

**ESPOSA** (*saindo de sua casa*) - Deixa eu ver se meu marido já está de volta. (*vendo Menecmo II*) Ah! Lá está ele. Ainda bem que trouxe a mantilha.

**MENECCMO II** - Mas onde será que aquela mula se meteu?

**ESPOSA** (*furiosa, para Menecmo II*) - Ah! seu cafajeste, ordinário! Não tem vergonha de aparecer na minha frente com essa mantilha?

**MENECCMO II** - Que é isso, dona? Tá com ziguizira?

**ESPOSA** - E ainda se atreve a rosnar, a falar comigo, seu descarado?

**MENECCMO II** - E o que foi que eu fiz pra não poder falar?

**ESPOSA** - Ainda pergunta?

**MENECCMO II** - A senhora sabe, dona, por que é que os gregos chamavam Hécuba de cadela?

**ESPOSA** - Eu sei lá!

**MENECCMO II** - É porque ela fazia como a senhora: vivia insultando as pessoas na rua. Por isso ela mereceu ser chamada de cadela.

**ESPOSA** - Eu não vou mais tolerar seus desaforos! Prefiro passar o resto de minha vida sem marido do que agüentar essa sua canalhice!

**MENECCMO II** - E que que eu tenho com isso se a senhora está disposta a agüentar seu casamento ou se quer se separar? É moda aqui ficar contando histórias pra quem chega de fora?

**ESPOSA** - Histórias, é? Pois lhe digo que já estou farta: prefiro viver sem marido a continuar suportando a sua falta de vergonha!

**MENECCMO II** - Por mim, dona, se a senhora quiser, pode viver sem marido até o fim do reinado de Júpiter!

**ESPOSA** - Mas você é um descarado mesmo! Há pouco negava que tinha me roubado a mantilha. E agora me aparece com ela, bem diante

do meu nariz. Não tem vergonha na cara?

**MENECCMO II** - Só me faltava essa agora! Como se atreve a dizer que eu roubei esta mantilha, se foi uma outra mulher que me deu.

**ESPOSA** - Ah! é, é? Pois eu vou mandar chamar o meu pai e contar pra ele todas as suas sem-vergonhices. (*chamando*) Décio, vá chamar o meu pai, fala que é urgente. (*a Menecmo*) Deixa meu pai chegar, que eu quero ver você negar diante dele que rouba as minhas mantilhas e as minhas jóias pra dar pras suas amantes.

**MENECCMO II** - Mas o que é que eu devo tomar pra agüentar essa jararaca? Olha, dona: eu não sei com quem a senhora está me confundindo. Mas juro que te conheço tanto quanto conheço a mãe da mãe da mulher do Hércules.

(*entra o Velho, andando lentamente, vindo da praça*)

**ESPOSA** - Pode zombar de mim, se quiser. Mas não vai zombar de meu pai que está chegando. Vai dizer que não conhece ele também?

**MENECCMO II** - Aquele velho lá? Pois juro que é a primeira vez que estou vendo ele na vida.

**ESPOSA** - Insiste em dizer que não me conhece? Que não conhece meu pai?

**MENECCMO II** - E o mesmo vou dizer do seu avô, se ele aparecer por aqui.

**ESPOSA** - Ah! Mas é claro! Uma vez descarado, sempre descarado!

(*Menecmo se afasta para o canto*)

**ESPOSA** (*dirigindo-se ao pai*) - Boa tarde, pai.

**VELHO** - Como está, minha filha? O que aconteceu? Por que mandou me chamar com tanta urgência?

**ESPOSA** - Eu quero que o senhor me leve embora desta casa. Não posso mais viver com esse cafajeste aí, que o senhor me deu como marido.

**VELHO** - Ah! eu sabia que era briga entre você e seu marido. Minha filha, você sabe muito bem que já estou velho, que o corpo que carregou é pesado, que a velhice é uma desgraça! Quantas vezes já pedi pra vocês não me aborrecerem por causa de suas briguinhas, hein?

**ESPOSA** - Mas pai...

**VELHO** - Eu sempre lhe digo: obedeça o seu marido, faça a vontade dele, pare de ficar regulando a vida dele, mas você...

**ESPOSA** - Mas ele tem uma amante, pai.

**VELHO** - E faz muito bem. E pode ter certeza de que ele gosta mais dela do que de você, por causa desse seu jeito. Ah! Vocês, mulheres... Querem que seus maridos se tornem seus escravos, não saiam de casa, não se divirtam. No fundo o que vocês querem é obrigá-los a se sentarem no meio das criadas e ficarem cardando a lã.

**ESPOSA** - Ô pai! Eu te chamei foi pra me defender, não pra defender o meu marido!

**VELHO** - Se o seu marido fez alguma coisa errada, eu não vou deixar de chamar a atenção dele também. Mas uma vez que ele nunca deixa faltar nada em casa, e te dá roupas, e te dá jóias, é bom você ter juízo nessa sua cabeça.

**ESPOSA** - É. Só que depois ele pega as minhas jóias e as minhas roupas e dá tudo pras prostitutas.

**VELHO** - Ah! bom! Aí já é grave, se realmente ele faz isso. Mas, espere; eu vou lá falar com ele. (*aproximando-se de Menecmo*)

Menecmo, me diga lá: por que foi que vocês dois brigaram, hein?

**MENECMO II** - Quem quer que o senhor seja, ancião, invoco como testemunha o grande Júpiter e também toda a corte celeste...

**VELHO** - Mas pra que tudo isso agora?

**MENECMO II** - ... eu não fiz nenhum mal a essa mulher, que me acusa de ter roubado dela esta mantilha aqui. Se algum dia eu pus os pés dentro da casa onde ela mora, quero ser o mais desgraçado de todos os desgraçados.

**VELHO** - Mas será que você está no seu juízo perfeito, homem? Como é que você pode dizer que nunca pôs os pés na casa onde você mesmo mora?

**MENECMO II** - O senhor também, ancião, afirma que eu moro aí nessa casa?

**VELHO** - E não mora? Por acaso vocês mudaram de casa de ontem pra hoje? (*para a filha*) Ei, filha! Vocês mudaram de casa?

**ESPOSA** - Claro que não, pai. Não vê que ele está zombando do senhor!

**VELHO** - Menecmo, chega de brincadeira e vamos falar sério.

**MENECMO II** (*furioso, com os olhos arregalados*) - Escuta aqui, ô velhote: o que é que tenho a ver com o senhor? Quem é o senhor? De onde te conheço? O que foi que eu fiz pro senhor e essa mulher aí me encherem o saco desse jeito, hein?

**ESPOSA** (*assustada*) - Olha, pai! Os olhos dele estão ficando verdes!

E a testa também! Veja, pai, que brilho estranho ele tem nos olhos!

**MENECMO II** (*à parte*) - Ah! esses dois aí estão pensando que estou louco. Pois eu vou fingir que estou louco mesmo, assim eles somem da minha frente. (*começa a bocejar e a espreguiçar*)

**ESPOSA** - Pai! Agora ele está bocejando e espreguiçando! O que vamos fazer?

**VELHO** - Venha pra perto de mim, filha. Fique longe dele!

**MENECMO II** - Evoé, Baco! Evoé, Brômio! Em que floresta me chamas para caçar? Ouço a tua voz, quero ir, mas não posso! Ali na minha frente tem uma cadela raivosa me vigiando. E atrás dela aquele bode fedorento, que já ferrou muita gente inocente com seus falsos testemunhos...

**VELHO** - Eu te quebro a cabeça, seu miserável!

**MENECMO II** - E então, Apolo? O que me ordenas? Ah! Queres que eu encha a cara dela de socos, se ela não sumir já daqui pros quinto dos infernos? Vou já cumprir as tuas ordens, Apolo!

**VELHO** - Fuja, filha, fuja pra casa, senão você acaba apanhando! (*a mulher entra em casa correndo*)

**MENECMO II** (*à parte, com satisfação*) - Ótimo! Uma eu já pus pra correr. Agora é a vez do bode velho. (*em voz alta*) Está bem, Apolo. Tu ordenas que eu pegue aquele bastão que ele tem na mão e quebre todos os seus ossos! Já vou fazer isso, Apolo!

**VELHO** - Olha que você vai se arrepender, se chegar perto de mim.

**MENECMO II** - Oh! Apolo, quanta coisa tu me ordenas! Agora queres que eu pegue uma biga e esmague esse leão velho, fedido e desdentado? Já estou segurando as rédeas, Apolo! Vamos, cavalos, vamos! (*corre em direção ao velho; de repente, pára*) Ei, mas quem é que está me segurando pelos cabelos; estão me impedindo de cumprir tuas ordens, Apolo!

**VELHO** - Júpiter do céu! Que doença terrível! Preciso chamar um

médico e bem depressa! *(sai em direção à praça)*

**MENECCMO II** - Ufa, até que enfim sumiram da minha vista esses dois que me obrigaram a fingir de louco. Mas eu é que não vou ficar aqui não! Vou aproveitar que o caminho está livre e vou lá pro meu navio. E vocês todos, por favor: se o velho voltar, não vão dizer por onde eu saí, hein? *(sai em direção ao porto)*

**MENECCMO I** *(vindo da praça)* - Por Pólux! Mas que dia mais azarento e lazarento esse que eu passei hoje! Ah! se eu pego o desgraçado do Vassourinha, eu faço a alma dele sair pelo fiofó! Aquele filho da mãe! Comeu e bebeu às minhas custas a vida inteira e agora me apronta uma dessas. E essa puta aí? Me ferrou direitinho...É, mas o que é que se poderia esperar de uma puta? Ô vida desgraçada!...

**VELHO** *(vindo da praça)* - Vamos depressa, sua lesma!

**MÉDICO** *(entrando)* - O que é que você disse que ele tem? Ele está com algum encosto ou está possesso? Seus sintomas são de letargia ou de hidropsia?

**VELHO** - Mas é justamente pra dizer o que ele tem que eu fui te chamar. Mas lá está ele. Vá falar com ele.

**MÉDICO** - Olá, Menecmo. Como vai? Mas por que você está com o braço descoberto? Não sabe que isso só piora o seu estado?

**MENECCMO I** *(bravo)* - Ora, vá se enforcar!

**VELHO** *(para o médico)* - Viu só?

**MÉDICO** *(para o velho)* - Se vi? Vai ter que beber chá de heléboro até o estômago fazer bico... *(para Menecmo)* Mas me diga uma coisa, Menecmo!

**MENECCMO I** - Que que é?

**MÉDICO** - Por acaso você bebe vinho branco ou tinto?

**MENECCMO I** - Vá caçar sapo, sua múmia!

**MÉDICO** *(para o velho)* - Cáspite! É loucura das brabas!

**MENECCMO I** - Por que você não me pergunta se como pão vermelho ou alaranjado? Se como galinha com escama ou peixe com pena?

**VELHO** *(para o médico)* - Ouviu só os absurdos que ele diz? O que você está esperando para lhe dar alguma coisa?

**MÉDICO** *(com ar de sábio)* - Calma. Eu ainda preciso fazer outras

perguntas.

**VELHO** - Você me mata com esse seu nhenhém!

**MÉDICO** *(para Menecmo)* - Você costuma ficar com o olhar fixo, assim? *(faz, de um modo caricaturesco, um olhar fixo)*

**MENECCMO I** - Tá pensando que eu sou um gafanhoto, seu imbecil?

**MÉDICO** *(sem perder a pose)* - E os seus intestinos? Costumam roncar?

**MENECCMO I** *(com enfado)* - Quando eu estou com fome, eles roncam.

**MÉDICO** *(um pouco confuso)* - Eh! Tá uma resposta de quem não é louco. *(retomando a pose)* E à noite? Você costuma dormir bem a noite inteira?

**MENECCMO I** *(ainda com enfado)* - Só quando eu não estou devendo nada pra ninguém... *(retomando a brabeza)* Mas o que é isso agora? Um interrogatório? Vá pro diabo que te carregue, seu perguntador de uma figa!

**MÉDICO** *(para o velho)* - Epa! Voltou a loucura.

**VELHO** - Mas agora ele está falando como um Nestor, perto do que falava há pouco. Ele chegou a dizer que sua esposa era uma cadela raivosa...

**MENECCMO I** - Quem? Eu?

**VELHO** - É. Durante o seu acesso de loucura... E também ameaçou me esmagar com uma biga. Eu próprio vi você fazendo isso...

**MENECCMO I** *(furioso)* - Ah! é, é! Pois eu também te vi roubando a coroa sagrada de Júpiter e por causa disso foi preso e ainda por cima levou uma surra de vara. E depois matou seu pai e vendeu sua mãe num leilão. Gostou? Estou ou não estou em meu juízo perfeito? Respondi suas calúnias à altura?

**VELHO** *(apavorado)* - Pelo amor de Júpiter, doutor! Precisamos fazer alguma coisa. O homem está completamente louco!

**MÉDICO** - Mandé seus escravos levarem ele pra minha casa. Eu espero lá. *(sai para a praça)*

**VELHO** - Está certo. Vou tratar disso. *(sai atrás do médico)*

**MENECCMO I** *(sozinho)* - Por Júpiter! Que negócio é esse de todo o mundo achar que eu estou louco? Eu nunca estive doente um único dia de minha vida. Esses aí é que estão loucos, achando que eu estou louco. Mas e agora, Menecmo? O que que você vai fazer? Ninguém te deixa entrar em casa, nem a megera, nem a vagabunda. O

melhor é esperar por aqui mesmo. Pelo menos à noite vão ter que me deixar entrar.

**VELHO** (*voltando, com quatro escravos*) - Estão vendo aquele homem lá? Tratem de pegar ele e levar até a casa do médico. E depressa, vamos!

**MENECMO I** (*ao ver os escravos vindo em sua direção*) - Ei! Que negócio é esse? (*os escravos o cercam, seguram-no e tentam levá-lo em direção à praça*) Mas o que é que vocês estão fazendo, seus malucos? (*resistindo*) Socorro! Socorro!

**MESSÊNIO** (*vindo do porto*) - Pelos deuses imortais! O que estou vendo? Pessoas que não conheço estão raptando o meu amo!

**MENECMO I** - Socorro! Socorro! Alguém me ajude!

**MESSÊNIO** - Tô aqui, patrão!

(*cena de pancadaria: Messênio e Menecmo I dão socos e pontapés nos escravos; gritos e xingamentos*)

**MESSÊNIO** (*num último pontapé*) - Fora daqui, seus cretinos! Sumam! (*os escravos fogem*) Viu só, patrão! Cheguei bem na hora, hein?

**MENECMO I** - Muito obrigado, meu bom rapaz! Que os deuses sempre te favoreçam! Se não fosse você, eu estaria perdido.

**MESSÊNIO** - Ora, patrão, se o senhor quer me recompensar, por que não me liberta?

**MENECMO I** - Eu? Libertar você?

**MESSÊNIO** - Claro, patrão. Afinal eu te salvei.

**MENECMO I** - Que negócio é esse? Você deve estar enganado, rapaz.

**MESSÊNIO** - Enganado por quê?

**MENECMO I** - Juro por Júpiter, nosso pai, que eu não sou o seu dono.

**MESSÊNIO** - Eh!...Não vem com essa não.

**MENECMO I** - Mas é a pura verdade. Nunca um escravo meu fez o que você fez por mim.

**MESSÊNIO** - Ora, se o senhor diz que não sou seu escravo, então me deixa ir embora em liberdade.

**MENECMO I** - Por mim você pode ir pra onde você quiser.

**MESSÊNIO** - O senhor tem certeza do que está dizendo?

**MENECMO I** - Claro. Pode ir.

**MESSÊNIO** (*feliz*) - Oba! Tô livre! Então espere aqui, patrão, que eu vou buscar a bagagem e o dinheiro. Vou trazer tudo num instante pro senhor. (*sai para o porto*)

**MENECMO I** (*sozinho*) - Mas cada coisa estranha está acontecendo comigo hoje! Uns ficam dizendo que eu não sou eu, e me botam no olho da rua. Agora acabo de libertar um escravo que nunca vi na vida. Já o meu sogro e o médico acham que estou louco. Eu estou é besta com tudo isso. Será que estou sonhando? (*faz uma breve pausa*) Ah! que se dane! Eu vou mas é tentar convencer aquela piranha a me devolver a mantilha. (*entra na casa de Erócia*)

**MENECMO II** (*vindo do porto, com Messênio*) - Então você, seu safado, tem o descaramento de dizer que já esteve comigo depois daquela hora que eu entrei na casa da moça ali?

**MESSÊNIO** - E além disso, patrão, ainda te salvei de uns tipos que tentavam te levar à força. E foi por isso, porque te salvei, que o senhor me deu a liberdade.

**MENECMO II** - Eu te dei a liberdade?

**MESSÊNIO** - Deu. E quando eu disse que ia buscar o dinheiro e a bagagem, não sei como, o senhor correu na minha frente e chegou primeiro pra negar tudo.

**MENECMO II** - Deixa de ser besta, Messênio! Prefiro eu mesmo me tornar escravo a lhe dar a liberdade algum dia.

**MENECMO I** (*saindo irritado da casa de Erócia*) - Vocês podem jurar pela luz de seus olhos que não vão me convencer de que eu já tenha levado a mantilha, suas vacas!

**MESSÊNIO** - Pelos deuses, o que estou vendo?

**MENECMO II** (*que está de costas para a casa de Erócia*) - O que é, Messênio?

**MESSÊNIO** - É a sua cara, patrão!

**MENECMO II** - A minha cara? O que é que tem a minha cara?

**MESSÊNIO** - Olha lá! Aquele cara lá é a sua cara!

**MENECMO II** (*virando-se e vendo Menecmo I*) - Nossa! É mesmo! Pelo que me lembro da minha cara, aquele sujeito é igualzinho a mim!

**MENECMO I** (*para Messênio*) - Olá, moço que me salvou hoje, como vai?

**MESSÊNIO** (*para Menecmo I*) - Moço, o senhor me faria o favor de me dizer como se chama?

**MENECMO I** - Ora, favor nenhum: meu nome é Menecmo.

**MENECMO II** - Ei, Menecmo sou eu.

**MESSÊNIO** - Ah! sim. (*apontando para Menecmo I*) Este é o meu amo. Sou escravo deste e (*apontando para Menecmo II*) pensei que era dele. (*para Menecmo II*) Eu pensei que o senhor era ele. Desculpa qualquer coisa aí, tá?

**MENECMO II** - Deixa de ser besta, Messênio. Então não se lembra que você desembarcou comigo hoje?

**MESSÊNIO** - Ah! É verdade! (*para Menecmo II*) O senhor é o meu amo. (*para Menecmo I*) E o senhor, se quiser ter escravo, trate de procurar outro. (*apontando para Menecmo II*) Eu garanto que ele é o Menecmo.

**MENECMO I** - Pois eu garanto que sou eu.

**MENECMO II** - Mas que comédia é essa? Você se chama Menecmo?

**MENECMO I** - É, Menecmo, filho de Mosco.

**MENECMO II** - De Mosco? Então você é filho do meu pai?

**MENECMO I** - Do seu não, rapaz, do meu. O seu pode ficar pra você.

**MESSÊNIO** (*à parte, com ar de espanto*) - Grandes deuses imortais! Aqui só pode ter dois irmãos gêmeos! (*chamando*) Senhor Menecmo!

**MENECMO I e II** - O que é?

**MESSÊNIO** - Não, os dois não. Só quem chegou comigo hoje!

**MENECMO I** - Eu é que não fui.

**MENECMO II** - Fui eu.

**MESSÊNIO** (*afastando-se um pouco*) - Venha até aqui.

**MENECMO II** - O que é?

**MESSÊNIO** - Seu Menecmo, aquele cara lá é mais parecido com o senhor do que o senhor com o senhor mesmo. Além disso, ele diz que é filho do seu pai. Ora, só pode ser o seu irmão gêmeo.

**MENECMO II** - Messênio, você é um gênio! Pois eu vim aqui justamente pra procurar ele e só agora me dei conta disso. Investigue isso pra mim. Se você descobrir que ele é o meu irmão, eu te dou a liberdade.

**MESSÊNIO** - Deixa comigo, patrão. (*para Menecmo I*) Mas o que é que o senhor estava dizendo mesmo? Parece que o senhor se chama Menecmo?

**MENECMO I** - Exatamente. Meu nome é Menecmo.

**MESSÊNIO** - O senhor disse também que seu pai se chamava Mosco. O pai dele também se chamava assim. Então eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas... O senhor me permite?

**MENECMO I** - Claro! Você merece, pelo que fez por mim hoje; apesar de homem livre, coloco-me à sua disposição.

**MESSÊNIO** - Então, começando do começo, seu nome é...

**MENECMO I** - Menecmo.

**MESSÊNIO** - E o seu?

**MENECMO II** - O meu também.

**MESSÊNIO** - Nome do seu pai?

**MENECMO I** - Mosco.

**MENECMO II** - Do meu também.

**MESSÊNIO** - Onde o senhor nasceu?

**MENECMO I** - Em Siracusa, na Sicília.

**MENECMO II** (*mal conseguindo conter o entusiasmo*) - Eu também! Eu também!

**MESSÊNIO** (*olha para Menecmo II, com reprovação; em seguida volta-se para Menecmo I*) - Me diga: qual é a lembrança mais remota que o senhor tem de sua pátria?

**MENECMO I** - Foi aos sete anos. Vim com meu pai ao mercado de Tarento e me perdi no meio da multidão...

**MENECMO II** (*gritando*) - Júpiter Onipotente! Valei-me!

**MESSÊNIO** (*para Menecmo II*) - Quer parar de gritar! (*para Menecmo I*) Quantos filhos o seu pai tinha?

**MENECMO I** - Ao que me lembro, dois.

**MESSÊNIO** - E quem era mais velho, o senhor ou o outro?

**MENECMO I** - Nós tínhamos a mesma idade.

**MESSÊNIO** ( *fingindo não entender*) - A mesma idade? Como assim?

**MENECMO I** - Nós éramos gêmeos.

**MENECMO II** (*gritando*) - Ai, minha Nossa Senhora!

**MESSÊNIO** (*para Menecmo II*) - Se você não parar de gritar, eu paro.

**MENECMO II** - Não, Messênio, por favor. Eu é que paro.

**MESSÊNIO** (*para Menecmo I*) - Mas os dois tinham o mesmo nome?

**MENECMO I** - Não. O meu era esse mesmo, Menecmo. Agora, o meu irmão se chamava Sósicles.

**MENECMO II** - Não há mais dúvida. Não posso me conter e ficar sem abraçar você, meu querido irmão. Eu sou Sósicles!

**MENECMO I** (*meio desconfiado*) - E como é que você agora se chama Menecmo?

**MENECMO II** - É que o nosso avô resolveu me dar o nome que você tinha, depois do seu desaparecimento.

**MENECMO I** (*ainda sem se convencer completamente*) - É, faz sentido. Mas só mais uma pergunta.

**MENECMO II** - Pode perguntar.

**MENECMO I** - Como é que se chamava a nossa mãe?

**MENECMO II** - Teuximarca.

**MENECMO I** - Bateu! Venha me dar um abraço, irmão que eu jamais esperava rever na vida e que encontro depois de tantos anos!

**MENECMO II** - E você, meu irmão, que procurei sem descanso por tantos lugares e à custa de tantos sofrimentos. Como estou feliz em ter te encontrado!

**MESSÊNIO** (*para o público*) - Não é lindo isso, gente! (*para Menecmo II*) Ei, Patrão, agora só está faltando uma coisa.

**MENECMO II** - O que é, Messênio?

**MESSÊNIO** - Mas que memória curta, seu! O senhor prometeu que me libertaria, não se lembra?

**MENECMO I** - É verdade, mano. O pedido dele é mais do que justo. Faça isso por mim.

**MENECMO II** (*para Messênio, tocando-lhe a cabeça*) - Messênio, de hoje em diante você é um homem livre.

**MENECMO I** - Parabéns, Messênio! Estou contente por te ver livre.

**MESSÊNIO** - Obrigado.

**MENECMO II** - Agora, meu irmão, já que deu tudo certo, que tal voltarmos juntos para nossa terra?

**MENECMO I** - De acordo, mano. Vou fazer aqui um leilão e vender tudo o que é meu. Mas agora vamos entrar?

**MENECMO II** - Vamos.

**MESSÊNIO** - Ei, posso fazer um pedido?

**MENECMO II** - Claro, Messênio.

**MESSÊNIO** - Posso ser o leiloeiro?

**MENECMO I** - Será você.

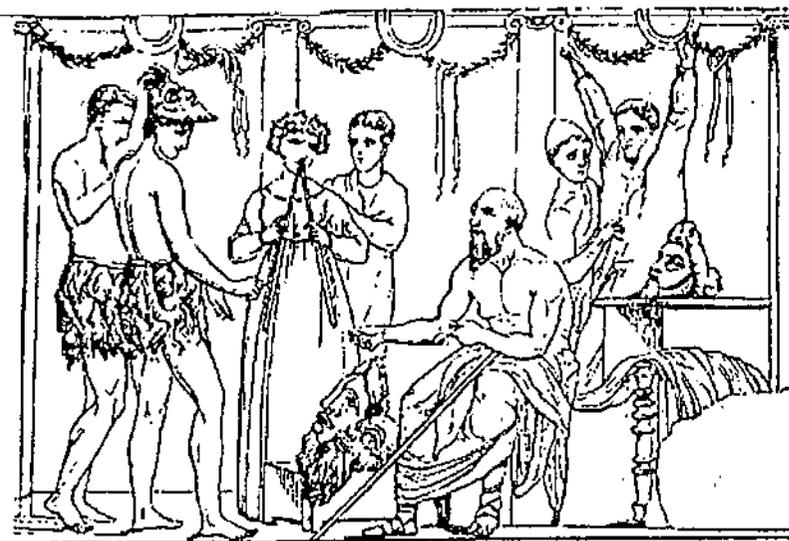
**MESSÊNIO** - E quando vai ser?

**MENECMO I** - Daqui a uma semana.

(*os dois irmãos entram na casa de Menecmo*)

**MESSÊNIO** (*para os espectadores*) - Atenção, senhoras e senhores!

Não percam! Na semana que vem, grande liquidação dos bens do senhor Menecmo. Serão vendidos os escravos, os móveis, as terras, a casa, tudo enfim, e à vista. Até sua esposa será vendida, se aparecer algum comprador, é claro. E agora, espectadores, passem muito bem e aplaudam, mas com toda a força!



Mosaico em vidro de Pompéia representando um ensaio nos bastidores (*postscenium*).